



Ana Cecília Araújo Soares de Souza
Ana Cristina Mendes Fagunha
Andrei Bessa Siqueira Campos
Annalia Leite Brito
Carla Calvão Farias
Jared José Barbosa Domício
Julia Peixoto Sarmento
Marise Leo Pereira da Silva
Sara Abpunuga Bonfim
Wilma Faras
Luciana Eloy Miranda
Karina Rabelo de Paula Silveira
Julia de Carvalho Mello Lopes
José Juarez Barbosa Cordeiro
José Filho Cruz Chaves de Carvalho
Eduardo Maia Cruz Chaves de Carvalho
Cristiane Martins Verçosa Filho
Eduardo Cesar Brandão Pereira
Afrânio Cesar Brandão Pereira
Ana Cláudia Maia
Aline Moura de Albuquerque
Thaís José Souza Luz
Samara do Nascimento Garcia
Raísa Chrisóira Lima Saraiva
Mateus Vinícius Uchôa
Luís Paim Duarte
Filipe Acácio Normando
Bianca Zieger de Souza
Ana Luiza Sousa Rios
Ana Cecília de Andrade Teixeira
Alternar Gomes Monteiro
Andreia Lilianne Rey Sandoval
Andreia Moreira Pires
Antonio Layton Souza Maia
Cecília De Queiroz Shaki
Felipe Andres Gonzalez Murillo
Henrique Gomes
Jéssica Carvalho Teixeira
José Antônio Da Silva Filho
Lara Nicolau Aniceto
Luiz Felipe Da Silva Sales
Manuela Fátima Paula De Medeiros
Naiana Magalhães Soares De Sousa
Conrado Veiga Braga
Rubens Sonia Moura Ferreira
Ruy Cézar Campos Figueiredo
Valéria Leon
CORPOS CIDADES TECNOLOGIAS MEMÓRIAS
I SEMINÁRIO INTERNO
DO PPGARTES - UFC
PENSAMENTO CRÍTICO, ESTRATÉGIAS E DIVERSIDADES:
MODOS DE FAZER E PENSAR ARTE
31/AGO A 02/SET 2016
INSCRIÇÕES | SEMINARIOINTERNOAR.WIXSITE.COM/PPGARTES
LOCAL: INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E ARTE

CONSTRUÍRAM O
I SEMINÁRIO INTERNO DO PPGARTES - UFC

Ada Kroef
Altemar Di Monteiro
Andrea Rey
Andréia Pires
Artur Dória
Ayrton Pessoa (Bob)
Bianca Ziegler
Cecília Andrade
Cecília Shiki
Cesar Baio
Claudia Marinho
Deisimer Gorczevski
Felipe Andrés González
Filipe Acácio
Henrique Gomes
Kaciano Gadelha
Lara Nicolau Aniceto
Lis Paim
Naiana Magalhães
Nataska Conrado
Raisa Christina
Ruy Cézar
Samara Garcia
Thales Luz
Valeria León

Comissão Organizadora
Altemar Di Monteiro
Bianca Ziegler
Claudia Marinho
Lis Paim
Raisa Christina

www.ppgartes.ufc.br
seminariointernoar.wixsite.com/ppgartes

MEMÓRIAS DO ENCONTRO

Relatores das Conversas
Ayrton Pessoa (Bob)
Bianca Ziegler
Cecília Andrade
Nataska Conrado
Samara Garcia

Editoração
Lis Paim
Nataska Conrado

Revisão
Lis Paim

*Hotsite e Cartaz**
Claudia Marinho

Ilustrações
Raisa Christina

Caderno Ilustrado
Ayrton Pessoa (Bob)

Projeto Gráfico e Diagramação
Nataska Conrado

* Os nomes que compõem a arte do cartaz são uma homenagem a todos os discentes que passaram pelo PPGArtes | UFC até a realização deste seminário, em 2016.


dance
love
sing
live


dance
love
sing
live


MILITARY
BASE

O ENCONTRO 09

PESQUISAS 17

CONVERSAS 59

CIDADES 63

CORPOS 81

MEMÓRIAS 97

TECNOLOGIAS 113

O ENCONTRO

Desde que as turmas ingressadas em 2013 e 2014 – as duas primeiras – se emparelharam no Programa de Pós-graduação em Artes da UFC, uma vontade natural de troca passou a se manifestar nas conversas durante as aulas, reuniões e intervalos pelos corredores do ICA. Momentos geralmente curtos, onde se conseguia, no máximo, fixar melhor um rosto, para além dos nomes já conhecidos na cidade ou pela lista dos aprovados na seleção do mestrado; um rosto que então se associava a um nome de orientador, um tema, um título de pesquisa: mas não muito mais que isto.

A ideia de que uma pós-graduação em Arte Contemporânea é principalmente uma junção de de artistas e pesquisadores interessados em produzir pensamento, processos e obras a partir de diversos campos de saberes e de distintas redes, bagagens, métodos, buscas e tecnologias, soa por demais potente para se restringir apenas aos momentos em sala de aula. E foi da percepção da importância de trocar com os outros artistas ali presentes, em um espaço, e, consequentemente, um tempo reservado a este fim dentro do calendário acadêmico, que a realização de um seminário entre discentes e docentes se tornou uma questão proeminente para o PPGArtes. Não seria essa troca, afinal, uma das partes mais valiosas desta breve e intensa passagem pela Universidade?

Quando recebemos do colegiado do curso o desafio de organizar o **I Seminário Interno do PPGArtes**, nós, da turma de 2015, nos perguntamos inúmeras vezes como semear o terreno arado que saltava à nossa frente, sem qualquer experiência anterior semelhante. E diante de tal contexto de primeiro movimento, pareceu-nos essencial estabelecer, portanto, certos pressupostos como guia para o trabalho de elaboração de um seminário restrito ao programa:

I. que este fosse construído sem perder de vista o desejo genuíno de compartilhamento das experiências, principalmente entre os discentes de todas as turmas já ingressadas no mestrado, e sem estabelecer a fronteira, muitas vezes involuntária, entre professores e alunos durante os debates;

II. que os protocolos, tão comuns à Academia, não se sobrepusessem ao caráter essencialmente livre e criativo dessa troca no campo das artes;

III. que esse acontecimento pudesse produzir um registro, em formato a ser determinado por seus participantes, durante ou após a sua ocorrência;

IV. que a dinâmica do seminário fosse horizontal e pautada, primeiramente, pelas questões que atravessam as pesquisas dos discentes e pela abertura do tão desejado espaço de fala a partir delas; mas não só e para além – pois o que nos move é também o desejo do contato com o pensamento do outro sobre o estado de coisas em que vivemos.

Fincadas estas primeiras estacas, a comissão de organização do encontro, composta pelos discentes Altemar Di Monteiro, Bianca Ziegler, Lis Paim e Raisa Christina, e somada, ainda, à importante participação da Prof. Dra. Claudia Marinho, fez um levantamento das pesquisas em andamento e das já concluídas no PPGArtes, com o intuito de construir paralelos, contrastes e possíveis tensionamentos que norteassem os debates do seminário. E dentre as múltiplas perguntas que nos interpelaram durante as reuniões preparatórias, duas se destacaram com maior ênfase:

I. Diante da multiplicidade das pesquisas, práticas, processos e produtos culturais desenvolvidos até aqui, o que nos liga enquanto pesquisadores em artes? Quais os pontos de encontro nessa grande teia de produção de pensamento que estamos produzindo e na qual também nos inserimos?

II. Que metodologias temos concebido para a análise dos nossos objetos/processos artísticos?

Tais questões, a nosso ver, estruturantes num processo de formação de tal natureza, foram fundamentais para que vislumbrássemos um direcionamento comum às diferentes abordagens produzidas pelos 46 artistas-pesquisadores do PPGArtes, incluindo as duas primeiras turmas egressas e as outras duas que ainda se encontravam com o mestrado em andamento (2015 e 2016). Munidos dos resumos e palavras-chave das pesquisas, começamos a tecer blocos de comunicação entre elas, que a certa altura passaram a girar em torno do que já entendíamos

como o tema para um primeiro seminário do programa: *"Pensamento crítico, estratégias e diversidades: modos de fazer e pensar arte"*.

O mosaico montado a partir desse exercício de pensamento gerou, em seguida, uma organização em grupos temáticos de trabalho, nomeados de: *"cidades", "corpos", "tecnologias" e "memórias".* A estes grupos, associamos certos fragmentos de texto de diferentes autores e obras, sem, no entanto, haver uma preocupação em delimitar conceitos ou dar conta da grande constelação teórica que estes temas poderiam evocar. O que sinceramente nos moveu foi a vontade de provocar, ainda que em escala mínima, algumas contaminações e desdobramentos possíveis entre e em cada um desses grupos, a partir do sentido de abertura que traziam nos seus próprios nomes grafados no plural.

Assim, no primeiro dia do encontro, apresentamos tal proposta de organização dos debates aos participantes, que passaram então a somar outros cruzamentos e urgências, de acordo com as experiências artísticas e acadêmicas de cada um. A ideia inicial de nos dividirmos em grupos de trabalho logo se dissolveu ou ganhou outra potência no seio do coletivo, pois decidimos nos agrupar (ao invés de nos separarmos) em torno de cada uma das temáticas citadas acima, delimitando, para isso, os turnos que tínhamos para cada um dos debates.

Modificada a metodologia do seminário, iniciamos com a apresentação do andamento das pesquisas pelos participantes inscritos para tal dinâmica: dois da turma de 2014, a quase totalidade da turma de 2015, e, para nossa surpresa, também alguns discentes da turma de 2016. Estes últimos, de forma bastante comprometida, decidiram na última hora compartilhar seus projetos recém aceitos no processo de seleção, o que acabou por comprovar, ao contrário do que tinhamos desenhado, que um encontro dessa natureza deve de fato abrir espaço para todos os discentes interessados no debate (e não somente aqueles com as pesquisas em estágio avançado).

Tal dinâmica de contato com os universos de investigação artística dos colegas foi fundamental para percebermos o quão difícil (ou impossível) é demarcar cada pesquisa em um único território de discussão, sobretudo pela multiplicidade de cruzamentos entre as quatro temáticas dos

grupos de trabalho. Isto nos fazia constantemente discutir as “memórias” quando estávamos nas “cidades”, ou os “corpos” quando falávamos das “tecnologias”, e assim por diante...

O que poderia parecer, a princípio, um fracasso da estrutura montada pela comissão organizadora para o seminário, logo se revelou a grande coisa do encontro, sobretudo por termos ali artistas-pesquisadores de contextos e experiências de vida bastante diversos. O embaralhamento natural dos temas acabou por produzir um arsenal de possibilidades de comunicação entre as pesquisas que desestabilizava constantemente o modo e o ângulo sobre o qual cada um dos participantes estava debruçando a sua inquietação; e assim, distintos olhares sobre o outro, sobre Fortaleza, o Brasil, a arte e o mundo saltavam a cada giro das falas.

Nos dois dias e meio em que estivemos juntos, o que aconteceu, portanto, foi um encontro que se desenhou no próprio encontro; no jogo incalculável dos afetos tangíveis a cada participante ali presente e também às falas que compartilhamos, por vezes organizadas, outras atropeladas ou incompletas, mas principalmente cheias de silêncios geradores de dúvidas. Talvez por isso guardamos a sensação, ao final de tudo, de que o acaso ocupa um lugar importante nas nossas pesquisas, assim como a relação simbiótica entre sensibilidade e escuta que nos solicita a todo momento por estarmos vivos...

Realizar o **I Seminário Interno** nos fez acordar para a relevância que uma proposição como esta dentro de um curso de pós-graduação em artes pode ter enquanto espaço de fronteiras certamente indicerníveis: aquelas colocadas entre o pesquisador e o objeto de pesquisa, entre o processo criativo e o seu produto, entre a obra e a escrita, entre a arte e as nossas vidas.

E foi justo por esta impossibilidade de separação entre nós mesmos, o que criamos e o mundo, que resolvemos deixar aqui registrado, no interior da presente publicação, o dia em que o Brasil sofreu um golpe político enquanto estávamos reunidos na Universidade. Alertas para os reais motivos que levaram ao *impeachment* – no dia 31 de agosto de 2016 – da primeira presidenta mulher eleita democraticamente no país, percebemos juntos, com uma indignação semelhante a um choque coletivo e abrupto na corrente elétrica, o quanto os nossos modos de fazer e pensar arte colocam em jogo o *status quo* hegemônico que normatiza a vida, os pensamentos e as ações,

a forma de habitar as cidades e todos os demais espaços políticos nos quais nos inserimos.

Grande parte das pesquisas apresentadas durante o **I Seminário** dizem das ruínas do nosso tempo e investigam as formas de insurgência através dos restos que nos confrontam todos os dias. E é pela missão de jogar com estes restos e reagir às fraturas como a do dia 31 de agosto, que nós nos perguntamos, sem trégua: como dar a ver o invisível, pensar resistências e permanências ao habitar as cidades? Como olhar para o que está nas diversas periferias da vida, ao subverter as lógicas do ver e do sentir, do que é centro e considerado minoria? Como refazer todo o tratado que delimita o que é território da arte e da cultura, e até onde pode existir nossa revolta, quando a desconstrução do que está posto e nos oprime precisa de nossa implicação urgente em tudo que criamos?

São estas, mais do que antes, as questões que também nos ligam nesta breve e intensa passagem por aqui.

Altemar Di Monteiro e Lis Paim
Comissão Organizadora - Turma 2015.1

31
AGO
2016

DIA DO
GOLPE

PES
QUI
SAS


GOLPE

CAMINHARES PERIFÉRICOS

_ ALTEMAR DI MONTEIRO

CARVÃO PARA SEUS OLHOS TOCAREM: POÉTICA DO DESLOCAMENTO COM PERFORMANCE E INSTALAÇÃO CINEMATOGRÁFICA EM MÚLTIPLOS CANAIS

_ **RUY CÉZAR CAMPOS**

CORPO MORTE RITUAL: PERFORMATIVIDADE E NECROMANCIA NA ENCRUZILHADA

_ **THALES LUZ**

DA RENDA A PELE

_ **ANDREA REY**

GESTOS SIMPLES, GESTOS INTENCIONADOS
NA CIDADE COMO TABULEIRO DE JOGO

_ **VALERIA LEÓN**

MONTAR UMA RUÍNA:
CLUBE ALAGOINHA

_ **LIS PAIM**

O VESTIDO

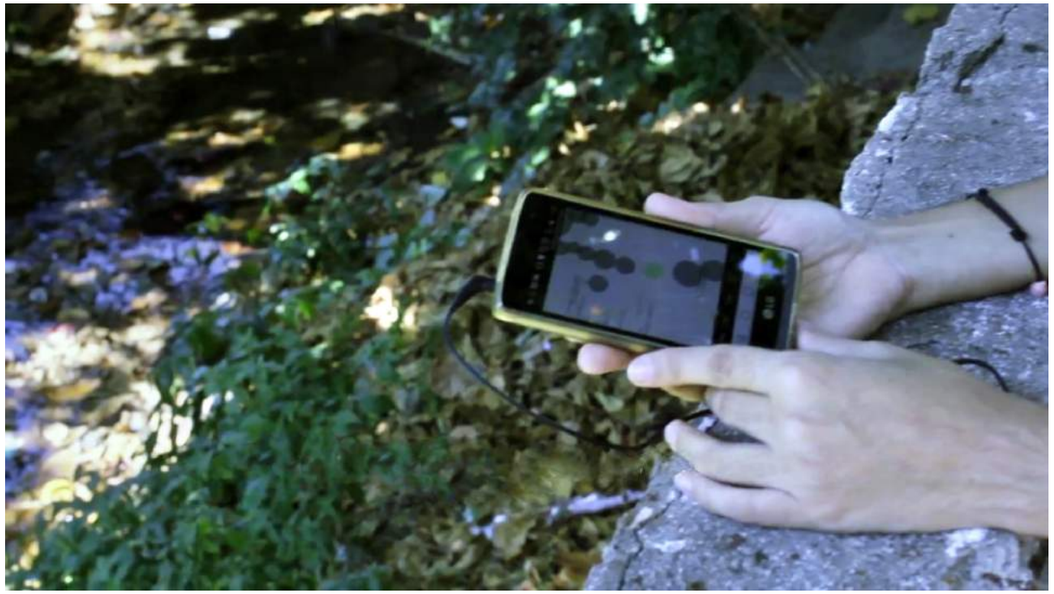
_ **SOL MOUFER**

PAISAGENS CAMINHANTES

_ ARTUR DÓRIA

PARQUE AMPLIADO DO PAJEÚ

_ CECÍLIA ANDRADE



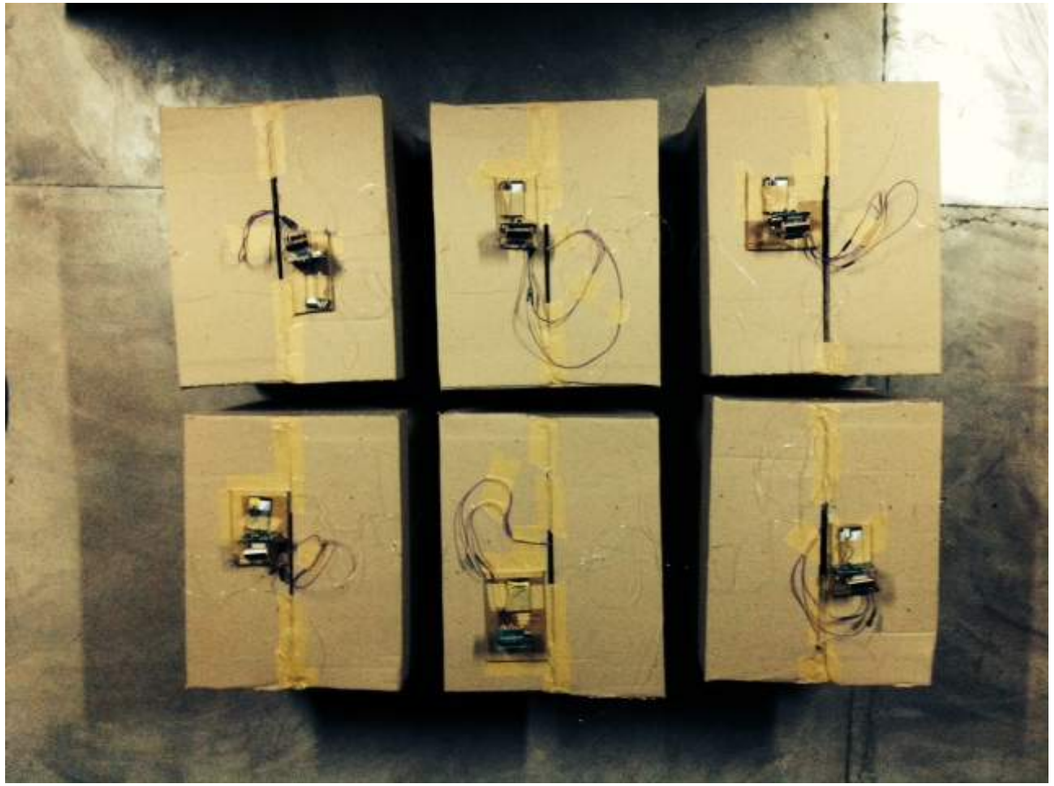
POLÍTICAS E POÉTICAS DA CINESPECTAÇÃO EM CINEMAS SEM PAREDES

_ **NATASKA CONRADO**

REPETIR ATÉ FICAR DIFERENTE: ÍNDICES DE UMA EXPERIMENTAÇÃO ACROBÁTICA E CÊNICA COM A CIA CIRCO LÚDICO EXPERIMENTAL (CE)

_ **SAMARA GARCIA**

SILÊNCIO REC-PLAY:
COTIDIANO EM ARQUIVOS
_ AYRTON PESSOA [BOB]



TREINAR A INCERTEZA: O CORPO DOS CRIADORES-INTÉRPRETES DA COMPANHIA CÊNICA TRIBUSURE

_ **FELIPE GONZÁLEZ**

ZONA DE REMANSO: EXERCÍCIOS DE PERMANÊNCIA

_ **FILIPE ACÁCIO**

31|08

ARTUR

CAMINHAR COMO METODOLOGIA

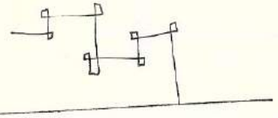
(HABITAR
FAÍSCAS NARRATIVA)

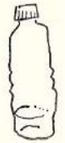
Z → COLETA, ESCRITA, PLANTIO

COMO CHEGAR, CONHECER A CIDADE?

LIXO

GARRAFAS DE ÁGUA MINERAL
NÃO VAZIAS



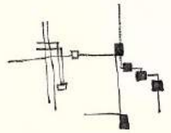


SAMARA

"REPETIR, REPETIR"

→ GRUPO. CIRCO. PROCESSO EM ANDAMENTO

MANOEL DE BARROS
"repetir repetir até ficar diferente"



MÉTODO: 1) ENCADEAR SEQUÊNCIAS ACROBÁTICAS
2) IMPROVISO
3) IMAGENS INSPIRADAS NO POEMA DE MANOEL

RASTROS.

REGISTRO, FORMAS DE NOTAÇÃO.

DESENHO (DO AUTOR) → CORPO → IMAGENS → MOVIMENTO

POSSIBILIDADE CRIATIVA DOS ESPAÇOS DA CIDADE.

CIDADE. CAMINHAR.
PERIFERIA.

PENSAR CIDADE · TEATRO. RUA.

CORTIÇO; MARACATU; CARNAVAL

→ ZONA DE REMANSO (FELIPE) 31/08

→ ESPIGÕES. CONSTRUÇÃO P/ DESLOCAMENTO DE MARE

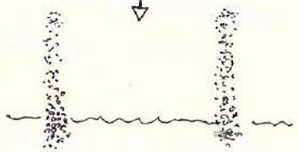
SIMBOLO DE PROCESSOS NA CIDADE

ESPECULAÇÃO IMOBILIARIA

espaço - ENTRE: MAR - CIDADE

ZONA ENTRE ESPIGÕES

VÍDEOS, FOTOS, DESENHO = CARTAS



MONTAR UMA RUÍNA

LIS PAIM

CLUBE 'ABANDONADO'.

(EM NAGOAS)

VARIAS APROPRIAÇÕES 'MARGINAIS'.

INICIO: PLACA [redacted] AVISANDO DEMOLIÇÃO.

DISPARADOR

PRODUÇÃO

IMAGENS E (FILMES) VÍDEO DO CLUBE. PROCURAR NOVA 'PESQUISA DE CAMPO'. NOVA POSTURA P/ PESQUISA

REUNIÃO DE ARQUIVOS SOBRE O CLUBE.

OSSUARIO (THALES LUZ)

BRUXARIA NECROMANCIA RITUAL | relação com ~ [morte]

CIDADE / SUICIDA (TEREZINA) \ MORTAL (FORTALEZA)

ESCAVAÇÃO ⇒ [redacted] ENTERRANDO E DESENTERRANDO OSSOS.

HUMANOS + ANIMAIS

PARQUE AMPLIADO DO PAJEÚ
(CECÍLIA)

31/08

MÍDIAS LOCATIVAS

ESCUTA

SITE-SPECIFIC

RIACHO PAJEÚ

COMO O RIACHO FOI APAGADO?

INVESTIGAÇÃO (DIAGRAMA) RASTRO,
PERSEGUIÇÃO. DOCUMENTOS
MAPEAMENTO.

ÁUDIO GUIA - EXCURSÃO

VC, UNIDADE DE MEDIDA

LIVRO

RUY

(INSTALAÇÃO)

VAZAMENTO DE CARVÃO PECÉM

Profundo

Altura ...

QUESTÃO AMBIENTAL — MULTIPROJEÇÃO

CARVÃO MINERAL VEM DA COLOMBIA !!

→ AMEAÇA DO DESLOCAMENTO DA POPULAÇÃO POR MOTIVOS DE SAÚDE.

GRUPO TRIBUSUR:
CORPO INTENSIVO
MAPEAR PRÁTICAS CORPORAIS EXERCITADAS PELO GRUPO.

→ ESPECTADOR COMO IMAGEM (PRIMEIRO PROJETO)
PRESENÇA POÉTICA DE CORPOS EM APRESENTAÇÃO

DISPARADOR: CINEMA DE RUA.

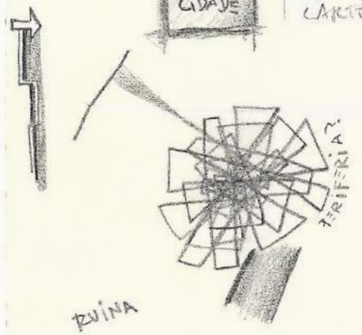
FOTOGRAFIAS EM PROJEÇÕES EM TELA EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS.

PESQUISA ATUAL → POLÍTICA DO ESPECTADOR DE CINEMA

---

01 | SET

CIDADE | CARTOGRAFIA / SUBJETIVIDADE



PERCEITO
PERCEPÇÃO
DA CIDADE

NÃO É CARTOGRÁFICO GEOGRÁFICO

MARGINAL

A CIDADE ESTÁ EM PROCESSO

A CIDADE TORNA-SE.

CONSTRUÍDA CONSTANTEMENTE.

LINHAS CONSTRUÍDAS

CARTOGRAFIA DO SENSÍVEL

NOSSA PERCEPTAÇÃO

ENDÓTICO

de onde, por que, o que toca, como.

LINHAS MAIS GLOBAIS QUE SÃO PODEROSAS


TRIBUSURE

1 _ 2
SET
2016

CON
VER
SAS

CIDADES

Distinguir quais são os palácios dos
dos campos dos grandes soberanos.

"Quem viaja sem saber o que esperar da cidade que encontrará ao final do caminho, pergunta-se como será o palácio real, a caserna, o moinho, o teatro, o bazar. Em cada cidade do império, os edifícios são diferentes e dispostos de maneiras diversas: mas, assim que o estrangeiro chega à cidade desconhecida e lança o olhar em meio às cúpulas de pagode e claraboias e celeiros, seguindo o traçado de canais hortos de depósitos de lixo, logo distingue quais são os palácios dos príncipes, quais são os templos dos grandes sacerdotes, a taberna, a prisão, a zona. Assim – dizem alguns – confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares."

As cidades e os símbolos 3 (Zoé). CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

"Estamos vendo a imagem da cidade. Ela é captada por um pássaro notívago a sobrevoar bem alto no céu. A cidade, em perspectiva, é um ser vivo gigante; um aglomerado de vidas que se entrelaçam. Inúmeros vasos sanguíneos estendem-se às mais recônditas extremidades do corpo, circulando o sangue e substituindo células, ininterruptamente. Através deles, novas informações são transmitidas e as antigas, recolhidas; novos desejos de consumo são transmitidos e os antigos, recolhidos; novas contradições são transmitidas e as antigas, recolhidas. [...] O gemido da cidade soa como uma melodia em baixo contínuo. Um gemido monótono e constante que incuba a percepção do porvir."

MURAKAMI, Haruki. Após o anoitecer. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, trad. Lica Hashimoto.

Altemar. (O nome lembra alto mar, mar alto). Rua de mão única, Walter Benjamin. Perdidos e achados. Raisa e sua pesquisa. Ela está junto com jovens skatistas, narrativas e mapas se cruzam. Retratos de percursos. A cidade que aparece nesses encontros é a cidade vivida neles, por eles. Desenhos nascem das conversas. Cidade ficcionalizada: Fortalezas. Thales diz da importância do traço nessa pesquisa. Desenho da cidade sobre os mapas. Registros através dos traços, traços que se atravessam. Conversar, versar junto, Maturana. Escrita também no mapa. Claudia fala da potência das várias instâncias do desenho da cidade ficcionalizada. Cecília Andrade, da cidade como soma de ficções. Existe o real? O que produz a cidade? Bob e a cidade: é impossível experiênciá-la como um todo. Nem é possível vê-la como um todo. "O trabalho de Raisa é também documental, ela é uma fisionomista", diz Lis. Ada lembra que Deleuze e Guattari trazem a discussão do atual e do virtual. Por mais que queiramos capturar tudo, o "tudo" não existe. Claudia: "tudo é real". Ada: "tudo é ficção. Cada um tem a sua percepção de cidade. Ada aponta a falta de Foucault para pensarmos cidades. Tudo relacionado a um contexto, um platô histórico. Altemar sugere que pensemos os modos de fazer entre realidade e ficção. O que é cidade para nós? Onde estamos embarcando? Estamos mergulhando em nós ou na diferença? Que cidade estamos inventando? Claudia fala que precisamos pensar também os modos de dizer de cada pesquisa. As pesquisas provocam, desarrumam nossas ideias. Henrique conta que seu processo de pesquisa se relaciona com arte sonora. Tim Ingold, Schafer, Schaeffer, Merleau-Ponty. Questões com a ideia de "paisagem sonora". Sentidos operando juntos. Da paisagem sonora ao estado sonoro. "Chego no vento". "Voltei a empinar pipa". Disso (mas também no comprar o material), a relação com a cidade. "Estou estudando o vento Aracati". Paisagens sonoras e não apenas objetos. Filipe Acácio: "como discutir a cidade a partir da periferia? Como pensar a cidade sem essa noção de centro e periferia?". Heterotopias. Foucault. Relação entre o que é ao mesmo tempo familiar e estranho. Fortaleza como cidade em processo de mudança. Pegamos a cidade e ela se desmaterializa. Ceci Shiki traz o Serviluz, diz de suas vivências. "Entro na comunidade por meio da pesquisa". Tensão entre periferia e centro. A cidade que não entra na periferia. A periferia que entra na cidade. "Pacificação" entre PCC e Comando Vermelho. Nichos da cidade em tensão. Servilost. Como atravessar e permear fronteiras? Nosso modo de estar nos lugares. Altemar e o boom da cultura periférica. Importância da cidadania cultural. A partir disso, constrói-se uma cultura de produção periférica. Como discutimos sobre isso

dentro da noção de dissenso? Felipe González sublinha como isso tensiona as relações. Altemar: "tensionamento entre centro e periferia". "Centro vai para a quebrada". Muda-se o fluxo dos desejos. Novos territórios na periferia. Força constante de um ponto a outro. Periferias estão se tornando centro? (Elas querem isso?) Periferia produz desejo. Kaci atenta que a periferia é produzida através de uma lógica problemática. Falar de periferia é falar de um lugar de dissenso. Lugar de tensão. Marginal. Lis: "como entender a tensão como algo que circula, que se move pela cidade?". Ruína urbana dentro de um bairro endinheirado. Clube Alagoinha. Maceió. A ruína que passa a assimilar a cidade. A cidade toda dentro da ruína. Ruína que está a margem, não é uma ilha. Cecília Andrade: tudo passa por aquele lugar. Lis: "a primeira ruína, a da memória. Depois a ruína do presente." As questões se sobrepõem. Cecília Andrade fala de Lis e de si: "nossas pesquisas são parecidas no lugar que nascem, o da memória, mas ganham a dimensão de um lugar de reflexão, um lugar construído como discurso". Bob diz das margens privilegiadas. Titanzinho e Poço da Draga são espaços mais lembrados. Existem outras margens. Algumas visibilidades surgem do incômodo e a partir daí são integradas ao sistema. "Como esses lugares são lembrados?", a pergunta com a voz de Nataska. Filipe Acácio lembra o lugar do tráfico não só atrelado à violência, mas ao consumo, ao trabalho infantil; lembra também que há palavras que não são faladas. Uma das Cecílias: o vulnerável pode estar perto, mas também longe. Há lugares que são para determinadas palavras, retoma Filipe. Claudia: há nomes que são contundentes. Ada com Deleuze: palavras de ordem que são absorvidas. Cidades pensadas como zonas de conhecimento e saber. Devires da cidade. Uma coisa não é, ela torna-se. Marcações. Os fluxos que nós percebemos e que o outro percebe diferente. O percurso não pré-existe. Não há um todo. Valeria lembra Foucault e A vida dos homens infames. Só se vive na memória porque em algum momento esta foi tocada pelo poder. Claudia diz de ser lembrado como algo que o poder denominou. Cesar Baio: o que organiza as linhas? Quem dá o tom? Modelos de cidades hegemônicas. Devir Miami de Fortaleza. Precisamos entender as disputas, os territórios simbólicos. Os apagamentos físicos vêm depois dos apagamentos simbólicos. O rio como coisa performada, diz Cecília Andrade sobre a sua pesquisa. Quando o rio deixa de ser? Preocupação multidirecional: linguagem, discurso, geografia, história, etc. O discurso está se formando. A cidade que produz o rio. Há instâncias visíveis e invisíveis. Há nomes. Há rostos. Baio: qual a composição do território simbólico? É preciso clarear a caixa preta de Flusser. Quem ou o que

produz a caixa preta? Qual o lugar do artista? Poder de produção simbólica. O poder que é um vetor importante para criação de territórios simbólicos. As potências, os devires da arte são muitos. Altemar: formas de fazer, modos de abordar o objeto, campo do simbólico. Força da publicidade em tensão com a arte. Reconstruir o discurso. Modos de construir, de pensar o conhecimento. Como a arte faz isso? O lugar da arte, observa Kaci, como lugar da cartografia do sensível. O trabalho do artista. Crítica ao antropoceno. A vida das coisas infames! Predinho de Aline é diferente do prédio São Pedro. Na direção de Cecília: "por que estou seguindo esse rio?" Pegar a substância. Coisas infames que instigam uma vontade de pesquisa. O que produz elos em relação a pesquisa, continua Altemar. Valeria traz seus pensamentos: a cidade como tabuleiro de jogo. Gestos e jogos de Flusser. Organização e desorganização dos espaços urbanos. Regras de jogos para a cidade e para si. Encontrar e fazer encontrar a história com a História, a linguagem com a Linguagem. (Agora o registro pode ter ficado mais confuso que antes porque estava cansada, anotando de forma solta, descompromissada, e em alguns momentos fiquei envolvida, pensando com o debate sem tomar qualquer nota).

Fortaleza, manhã de 01 de setembro de 2016.

***

- colecionar vistas das janelas do último andar de prédios comerciais do centro

-

Várias instâncias que compõem a cidade.

A cidade aparece na narrativa dos jovens e nos mapas que eles elaboram retratando suas trajetórias na cidade. Que cidade é essa? Várias Fortalezas se apresentam na conversa, inclusive ficcionais. Ficcionais? O conversar como "versar com". A conversa como método de pesquisa. Como as ficções também produzem a cidade.

Guattari – cidades subjetivas;
Deleuze – o virtual e atual;
Virtual – nuvens de partículas caóticas;
Partículas que se atualizam quando o captamos;
Foucault – o processo de higienização da cidade.

A cidade pensada em um formato cartesiano.
O que é cidade? Que cidade estamos pesquisando?
Possibilidades de relacionar as pesquisas.
Paisagem sonora – amplitude do conceito de paisagem, dos sentidos e percepções.
Como tencionar esse pensamento entre o centro e a periferia?
A cidade num "todo" que não se pode captar.
Como pensar nessa cidade que se transforma e transborda?

Cultura periférica em explosão: pluralidade. A produção de dissenso no pensamento sobre arte e cidade. A inversão do fluxo periferia – cidade / cidade – periferia. Descentralização: pensar em uma tensão que não se resolve, uma tensão que não está somente na periferia, mas presente na cidade. A ruína que fala sobre a cidade. Camadas sobrepostas. Como os lugares de margem são lembrados? Os níveis de margem. Os discursos sobre a cidade. Palavras não ditas sobre a periferia.

Deleuze – palavras de ordem – palavra que a gente absorve – pensar como zonas difusoras e catalizadoras de conhecimento – devires da cidade – fluxos que se atravessam – um percurso

que não pré-existe, mas está sendo traçado constantemente. A cidade não é: está em processo de ser.

O que organiza esses vetores? Quem dá o tom?
Devir Miami de Fortaleza.
Os mecanismos que a cidade encontra para produzir seus discursos.

Clarear a caixa preta que produziu o apagamento do rio Pajeú.
Arte e seu poder de produção simbólica, vetor importante para a criação de um imaginário.
Os devires da arte.
Abordagens e metodologias para pensar a cidade.
Como a arte pode se tornar uma cartografia do sensível?
Pensar não só através dos discursos e dos sujeitos.
O que produz e quais os elos entre as nossas pesquisas?

Fortaleza, manhã de 01 de setembro de 2016.

***

CORPOS

Como corpos, sumindo muito que é ser capsulado p' nela?

"Porque nossos corpos deveriam terminar na pele? Ou por que, além dos seres humanos, deveríamos considerar também como corpos, quando muito, apenas outros seres também encapsulados pela pele?"

*HARAWAY, Donna. A manifesto for cyborgs.**

"Se pensamos realmente no corpo como tal, não existe nenhum possível contorno do corpo como tal. Existem pensamentos sobre a sistematicidade do corpo, existem codificações que atribuem valores ao corpo. O corpo como tal não pode ser pensado e eu, certamente, não posso acessá-lo".

*SPIVAK, Gayatri Chakravorty. "In a word" - entrevista com Ellen Rooney.**

"Não existe natureza alguma, apenas efeitos de natureza: desnaturalização ou naturalização..."

*DERRIDA, Jacques. Donner le temps.**

**Fragmentos citados por Judith Butler na epígrafe do texto Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001, trad. Tomaz Tadeu da Silva.*

Leitura das citações de Haraway, Ellen Rooney, Derrida.

Felipe comenta sobre a percepção dos sentidos e sensações. Segundo ele as imagens são sensoriais - em momentos de transe leve se tem uma forma diferente de ver o mundo e quando se treina muito essa mudança é mais acessível. Antes de escrever ou falar ele procura ter um encontro com o seu próprio corpo. Encontro com o corpo. Os sentidos de ouvir e olhar são desterritorializados e experimentam noções de si e de outra pessoa. “Venho estudando o corpo com meu grupo. O corpo e desejo”. Sentir e pensar o que precisa fazer. Cultura sobre o corpo para encontrar formas de resistir.

Andrea Rey circula o caderno que carrega consigo para escrever coisas que encontra na rua, que pensa quando visita as feirinhas de artesanato. A pesquisa dela tem a ver com pele e com artesanato, foca na renda, principalmente na renda de bilro. Fio e tecido, relação entre pele e tecido. Desde que chegou da Colômbia, já conheceu lugares aqui como o Cearte e alguns museus de Fortaleza. Pediu na disciplina do Wellington para as amigas artistas da Colômbia enviarem imagens de marcas na pele como cicatrizes, estrias. Elas compartilharam a intimidade delas – a pele. Agora vai para Aquiraz para conhecer as rendeiras (“aqui não tem muitas rendeiras, só duas”). Agora quer também fazer renda. Pergunta: o que tem de tecido na pele e o que tem de pele no tecido? São as mulheres que fazem a renda. Esse trabalho tem a ver com o feminino. Não acha que tem na Colômbia uma técnica parecida com o bilro. O que une o Ceará com a Colômbia para ela é o trabalho feminino com a renda. A almofada onde se produz a renda é como uma maquininha. Tem os alfinetes, onde se coloca...

Cláudia diz que esse objeto é um testemunho de práticas, de como se comunicar, de como se pode criar junto. Ela vê a relação entre corpo e objeto.

Cecília perguntou se ela pensa na renda e na pele a partir da relação com o vestir.

Altemar acha interessante o objeto de renda não identificado, o objeto criado como um descobrimento dele mesmo (Rey fez circular no grupo alguns objetos bordados que produz.

Ela ficou surpresa com a manipulação das pessoas, que procuravam interagir com o objeto de diferentes formas. Não haviam feito isso ainda com suas peças).

Thales pensa ver os objetos como algo que não parte da pele, mas que vai para a pele, como o objeto que pode propor uma relação (fala de Lygia Clark).

Kaciano vê uma questão do tátil e uma dimensão de tátil não apenas como mão, mas da linha que faz mão.

Deisimer cruza essa ideia da linha com a pesquisa de Raisa e os desenhos dos rostos dos jovens skatistas de Fortaleza.

Lis fala da cultura do bordado de produzir peças para serem mais vistas do que tocadas e de como o trabalho de Rey chama para o toque e experimentação na manipulação.

César fala do objeto que produz o corpo. O corpo tem uma memória. As profissões e ofícios deixam isso claro no corpo. A ação do objeto sobre o corpo, no contato e no trabalho. Que tipo de corpos se produzem no fazer de quem produz a renda?

Andrea diz que não é uma pesquisa sobre a especificidade do bordado, sobre a região Nordeste. Fala em seguida sobre a especificidade da partilha de afetos entre as pessoas com quem você tem contato na pesquisa.

Altemar se lembra do pintor das cinco peles. A cidade também é pele. Pensar no corpo para além do matérico, do físico.

Ruy fala de como os objetos produzem corpos. Síndrome da cervical pelo uso de smartphones. Fala do corpo contaminado, enfermo, que adoece pelo uso da tecnologia. Ele liga isso à sua pesquisa com o carvão no Pecem. A sociedade industrial produz câncer pela ingestão de substâncias tóxicas e produz também o corpo medicalizado até em lugares afastados (essa fala

foi ilustrada pelo exemplo da prática do cooper de uma amiga sua e os programas que criamos para doutrinar nossos corpos).

Cláudia fala de programas que produzem organicidade.

Ruy fala do carvão que vai parar na lagoa e em seguida dentro do corpo das pessoas que usufruem daquela água.

Andreia fala da sua pesquisa. Poéticas e políticas do corpo criminoso, pensando no comportamento e na construção moral das culturas e da antropologia do corpo. Pensar a desorganização dos organismos. Pensar nos corpos que não querem ser organizados. Descobrir o corpo que subverte as questões de moral e ética. O corpo que age no lugar do proibido e que seja juridicamente criminalizado pela lei brasileira. Quer escrever a dissertação com textos roubados de outros autores (uma coleção de pequenos atos criminosos). Tem a ver com resignificar a ideia de crime. Está estudando "Vigiar e punir", a história do corpo e a microfísica do poder. Fala do crime como um corpo em explosão. Quer entender o texto de dissertação de forma mais precária e sem uma relação de autoria tão rígida. Fala de André Lepec e sua política do chão. A performatividade emerge de uma necessidade do corpo.

Filipe fala sobre questionar a lei e o que é imposto ao corpo através de outros corpos.

Claudia acha que a gente carece de compreensão do que são as leis / as regras / as instituições a ponto de virar um contraponto na discussão. Retoma a fala do Altemar do corpo-mundo – das suas inúmeras camadas –, um corpo que precisa viver junto.

Andreia diz que não tem a ver com questionar as instituições, mas da incapacidade de um corpo seguir normas e leis e da tentativa de se desvencilhar de um emaranhado de cultura, em que a produção do visceral é impossibilitada pela produção de cultura. Não pensa em mudar a lei e o mundo ou desmontar instituições, mas em manifestar o que o corpo não aguenta mais – a explosão.

Kaci questiona o que é a clareza da lei. Fala do extrativismo dos corpos por essa máquina que é a universidade, por exemplo. Fala da prudência do experimento.

Claudia diz que fala não de lei propriamente, mas de acordos e protocolos de convivência e de como pensar a dimensão do cotidiano.

Filipe fala da lei e do processo civilizatório massacrante.

Deisi fala da queda da instituição da lei com o golpe. Diferencia a justiça do cotidiano e o episódio do golpe. Fala de dimensões de institucionalidades.

Cesar liga essa discursão àquela já tratada sobre centro-periferia. Aqueles que estão dentro do Estado-de-direito e aqueles que estão fora.

Thales fala sobre a santíssima morte no México, associada aos traficantes, prostitutas, criminosos e de como isso está impactando na capital. Essa entidade está ganhando espaço no imaginário e a Nossa Senhora de Guadalupe está perdendo visibilidade...

Fortaleza, 13h07min de 01 de setembro de 2016.

***

Sai da boca de Felipe González o encontro com o corpo antes de trabalhar. Explorações físicas para atingir informações. Corpo como processo sensível do desejo. Cultura sobre o corpo como forma de reexistir/resistir. Andrea Rey, renda e pele. As relações da pele com o tecido e do tecido com a pele. Tradição de mulheres na renda. Claudia traz a imagem de sentar para fazer algo junto. Alguns trabalhos de Rey e dois cadernos circulam nas mãos dos presentes. Altemar e os objetos: descobrir o que são. Corpo é construído com o tecido. Criar do tecido a pele e da pele para o corpo. Kaci diz da questão tátil que não está apenas nas mãos. Linha que faz mão e não apenas mão que faz linha. Objeto que produz o corpo. A memória do corpo. Não ficar com o corpo para a tese. Andréia Pires. A divisão de afetos que dividem entre o total e o regional. Especificidades. Que tipos de sensibilidades existem para tocar as pessoas? Bob traz a conversa fiada. Fiar. Força. Altemar lembra o corpo para além da pele. Pele, casa, cidade e mundo. O corpo para além da dimensão da matéria, do físico. Ruy ressalta que os objetos produzem o corpo e corporalidades. Corpo contaminado, que não se livra da enfermidade. A relação com o corpo faz parte do cotidiano. Corpos encaixotados pela medicina. Claudia: "estamos fadados aos programas". Andréia Pires fala sobre descobrir e ressignificar a ideia de um corpo criminoso. Estudo da antropologia do corpo. Desorganização do organismo. Descobrir o corpo que subverte a moral e a ética. Coleção de atos criminosos. Estudar Direito. Reencontrar um lugar para o crime. Crime como um corpo em devir. Corpo que desacomoda. Compreender o texto como precariedade. Como entender a Universidade como um lugar para inventar coisas? Coreopolítica e coreopolícia, André Lepecki, crime no lugar do chão. "Não temos um caminho liso". Performatividades que desobedecem. Encontrar outro lugar para o corpo. Inventar outros corpos. Como ser a cópia errada? Indianara. Questionar a lei. Colocar a lei em cheque (sem blusa). Desorganizar a cidadania. Claudia: cultura institucional, lugar sedimentado da lei. Importância dos protocolos. Será que temos um corpo que tende a uma origem organizada ou desorganizada? Como lidamos com a máquina para que ela funcione? Pires: "Leo não consegue mudar o mundo. Andréia não consegue mudar a lei". Como pensar a história do corpo que não consegue dar um passo pelo emaranhado da cultura? Manifestar algo de um corpo que não aguenta mais. Kaci coloca que obediência à lei e clareza da lei são coisas diferentes. Até que ponto a Universidade também não age no extrativismo dos corpos. Importância da prudência. Claudia: acordos que organizam e regram nossas ações cotidianas. Filipe: Je vous salue Sarajevo, Gordard. A cultura é a regra e a arte é

exceção. Processo civilizatório. O avesso do niilismo. Discutir o lugar da lei. Baio: a lei é um texto que regula um acordo. Pires: as leis não são acordos coletivos. Baio: todo corpo é produzido por programas. Quais as discussões que de fato interessam? Indianara, mulher trans. Deisimer traz que as grandes instituições estão em desmoronamento. Crença na Justiça abalada. Criar outras morais. Lis: a crença na Justiça nunca foi 100%. Altemar: para quem a justiça existiu? Deisimer: dimensão de institucionalidade. Baio: ficou menos fácil identificar o que está dentro e o que está fora. Dissonâncias criam fissuras nos grandes blocos. Pires: redimensionar o lugar do crime. Baio: tensionar, quebrar com a lei. Lei formaliza um acordo coletivo. Thales fala das performances de rituais funerários. México. Santíssima Morte emerge. Arte como repetição. Algo que não dá certo. "Trago a pessoa amada de volta." Claudia: não existe o fora. Thales: como eu falo das coisas que são um segredo? Lugares de legitimação. Claudia: embate entre lei e ordem. Kaci: o lugar da magia num lugar de preconceito que dizima os saberes afro. A arte permite falar de sedução e magia sem caixinhas. Virgem de Guadalupe, recalque colonial. Diana Taylor, atos de transferência, arquivo e o repertório. Até onde poderemos falar? Baio: arte não só como prática, mas como território. Kaci: as artes não se preocupam com um discurso sobre.

Fortaleza, tarde de 01 de setembro de 2016.

***

MEMÓRIAS

m tempo saturado de agoras”

"Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'como ele de fato foi'. Significa apropriar-se de uma reminiscência tal como ela relampeja no momento de um perigo. [...] A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de 'agoras'."

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história.
In: Magia e técnica, arte e política: ensaios
sobre literatura e história da cultura.
São Paulo: Brasiliense, 1994.

"Contrariando o ditado latino e a canção brasileira,
RECORDAR NÃO É VIVER.
Segundo nós dois, eu e a Gertrude Stein.
A composição enquanto PRESENÇA dalguma coisa
e essa alguma coisa
SURGE
dentro da composição através dela pela primeira única vez."

"A memória é uma ilha de edição."

SALOMÃO, Waly. Poesia total. São Paulo:
Companhia das Letras, 2014.

Sol: o vestido. “Você está falando de corpo, mas ainda não sabe”. Thales: lembrança como algo que se dá no presente. Não separar o corpo da memória. Memória como algo material. Lis: memória do material e a memória que vem pelo significado do material. Thales: o peso da culpa. Tania Bruguera. Reperformar um ritual indígena. Tribos comiam terra até morrer. Andréia Pires: pesquisa, trabalho se dá no fazer. Ada: estudar conceitos novos para fazer leituras. Por que elas esquecem? Foucault. Thales: Peggy Phelan. O texto da lembrança do quadro. Escrever não é replicar. Lis: a memória lacunar, os restos. Deisimer: vestir o lugar por onde passamos. Perceber outras formas de vestir. Fazer na periferia. Periferia como espaços que sangram. Sol: para pisar nesse chão tem que pisar devagarinho. Bob sugere que se pense porque ela se interessava pelos objetos, ainda que de forma lacunar? Potencializar o que não está ali. Inventar lembranças. Narrativas que puxam como memória nova. Lacunas para criar memória. Thales: memória como afirmação de identidade. Corpo como encruzilhada. Desassujeitamento do corpo. Vibração paradoxal. Eleonora Fabião. Belle Époque cearense. Campos de concentração. Identidade e memória que batem até sair de mim. Marcelo Evelin. Dançar é sair de si. Arte como forma de existir. É um trabalho. Decomposição para que o trabalho aconteça. Performance como meio de morte identitária. Corpo sem órgãos. Artur Dória: modos de esquecimento. Fragmentação. Pensar uma Fortaleza menor, fragmentada, mas que permanece, que sempre volta diferente. Cecília Andrade: o arquivo que espacializa. Leitura do documento não é um retorno. Para chegar em documentos de 200 anos hoje, como se faz? Turismo que age num apagamento simbólico, de consumo. Criar memórias, imagens. Trabalhar com memória é difícil. Lis: a ruína e o fracasso (ruína fracassada), mas o que tem de vida, de potência? Preocupação com o uso de memórias de outros diante de um sentimento de justiça do outro (Clube Alagoinha) “Talvez eu frustre a família”. O quanto estamos ligados com aquilo que acordamos. Claudia: memória do processo criativo. Como se constrói a obra? Tornar claro os processos para que o outro pertença. Como inclui? O processo da arte é um mistério. Processo como construção que compõe a obra. Lis: o clube era um espaço público que se tornou privado, uma família era dona desse espaço. Metáfora das relações da família com o lugar, da cidade com seus espaços...

Fortaleza, tarde de 01 de setembro de 2016.

***

MEMÓRIAS

1

Título do trabalho:

SOL → "o vestido" — referência Juliana Capibaribe que criava vestidos a partir de histórias sobre roupas

→ colhi histórias sobre os figurinos

Ia para periferias com tapete vermelho e ~~fa~~ encenava sobre ele~~s~~ questões. Memória era mais forte..

* Era teatro ou performance?
* Vestido ser o corpo ou corpo ser o vestido..?
* Tem pensado que o vestido nunca vai dar certo! :D
* Deleuze e Perniola (questão do erotismo)
* Trabalho que leva a muitos lugares.. pensa em abandonar a questão da memória.. como essa memória se articula nesse trabalho? Figurinos das atrizes.. Atualizar e recompor esse corpo que veste, essa lembrança.. A ida para a periferia revelou outros aspectos do trabalho..

* Não separar o corpo das peças..
  Recompor e atualizar
  ~~memória~~ → materialidade da memória

LIS → Contato com material de imagens dos vídeos familiares na Ruína.. não consegue dar conta da forma como eles olham e lembram aquele lugar..

THALOS → Procurar ossos no Piauí em lugares de memória.. nostalgia.. como se constrói esse passado a partir desse presente? Tânia Bruguera, artista que cria Bandeira de cuba a partir de fios de cabelo.. reperforma um ~~ad~~ ritual suicida indígena do suicídio coletivo.. comer terra até morrer..
colonização cubana & contexto atual..

* ~~Cultura~~
* ~~Pedir~~ movimento das atrizes, historia delas..

ADA → mergulhar em conceitos para se inspirar, ver outras coisas que não foram vistas.. se alimentar de conceitos →

quando se cria..

(2)

* Porque as atrizes esquecem? (os textos..)
Esse esquecimento é importante!

Textos da Peg Tela: Retira
obras do acervo e pede para os funcionários falarem
daquelas obras pela memória..
quando se escreve sobre estas obras você performa elas..

* Contato com as atrizes no "agora". memória é lacunar.
O que fica.. os restos que ficaram..
trabalhar com estes "rastros"..

* Ideia de que este trabalho do vestido, que ele cumente.
Foco deixa de ser o ATOR para CORPO

* Vestido - tapete; só tapete
"Vestir o próprio lugar que se passa" Deizi
histórico do que era aquela rua onde se passa com o
vestido.. por onde se andou?
As pessoas interaziam com o tapete antes e depois da
sua passagem ~~por~~ por ele.. Os lugares;
Espaços que sangram..

* quem vem nesse tapete? Dilma, uma rainha..
"o que ela tá fazendo aqui? vou rasgá-la todinha"
vai "ganhando o lugar aos poucos" → alguém falou!

* Ir na periferia mexeu ~~com~~. O vestido era o menos
importante.. o encontro era o que importava
(dispositivo relacional)

* No poço da draga.. a espera, ansiedade de quando
começa a performance ou não..
[vai dá curto] [vai dá bom]

BOB → trazia sons recortados para um espaço.
~~impos~~ com esse recorte a potência desso lacuna
(de onde vieram aqueles sons) → lacunas, o que não
está ali.. inventar uma memória com aqueles
recortes.. criar uma memória outra.. novas narrativas.
Tecnologias de arquivo.. lacuna do registro.

RUY → Experiência no ateliê da Wal..
Na Praça da Estação (foi o 1º cemitério de Fortaleza..)
[Proibida a entrada..] → cemitério do Croatá
↓ conjunto de Dunas

insalubridade
* areia caia sempre no cemitério..
sumiu de cólera
~~construção~~

(3)

Ações para trabalhar essa memória:
atestado de óbito
testamento } colar pela praça esses documentos

Andando pela praça pedindo informações sobre
onde é o cemitério do Croatá.
(procurando cemitérios que não existe mais)
Filmava os pés das pessoas que davam informações
(os pés que pisam naqueles ossos que foram
duplamente aterrados)

* Centro de memória que ia ser construído..
(já foi esquecido)
~~Apesar de que~~

[Produzir imagens do cemitério de Fleixeiras
e da imagem dos pés]

Cidade → varias camadas de esquecimento

memória - legitimação de identidade
THALIS:
Ritual ~~sua~~
corpo como encruzilhada - desconjuntado ~~de~~ que torna
aquele corpo sujeito

Performance

Piauí (história, antestrais)
• Fortaleza (estrangeiro)

vibração paradoxal
disrupção identitária
abre o corpo para ser um corpo outro que vem de

outras histórias, outros espaços

(4) Mercado São Sebastião — Sabiaguaba

existência relacionada aos campos de concentração (Seca do 15) → surgimento dos primeiros mercados entre os que moravam ali nos campos.

* Dançar é sair de si — saio da minha condição de artista algo que se faz.. forma de existir trabalho de artista, de macumba.. enfim, um TRABALHO

Processo de construção na verdade é de desconstrução
destruição subjetiva e identitária
(corpo sem órgãos)

ARTHUR: crônicas que o tempo levou

1ª locomotiva se chamava Fortaleza
foi esquecida e sumiu do depósito
("roubaram Fortaleza".. alguém estava vendendo as peças de "Fortaleza")

MOTÍFORA

↳ pequenas Fortalezas, Fortaleza menor fragmentação.. de que forma a cidade permanece?

Saudosismo
Romantismo

CECÍLIA: Audioguia para sugerir
Documentos espacializados em voz do GPS — distância de tempo
A leitura do documento não é o retorno
* como entrar nesses documentos? Como acessar esse conteúdo.. moeda era diferente, forma de falar..

Turismo como discurso dessas mudanças simbólicas, consumir o lugar.. as narrativas são produzidas para o turismo..

trabalhar com arquivos é escorregadio

(5) LIS → não buscava os arquivos, mas isso veio, material das famílias que traziam uma história de fracasso, que não interessava ao trabalho.. Outra idéia de ruína.
Responsabilidade com o uso daqueles arquivos.. que a família fizesse justiça à história que eles queriam contar..
↳ (Cecília e o Rio Pajeú)
Essas imagens misturavam as memórias da família e da cidade..
* Fazer dessas imagens um campo aberto
é frustrar a ~~ansiedade da~~ família
não há como corresponder a algo na arte.

ACORDOS ↳ crise num espaço particular construído no espaço público ~~quando~~

Hoje pertence marginalmente à ~~cidade~~

CLAUDIA → memória do processo criativo.
→ O que se constrói quando se constrói o trabalho artístico?

Tornar claros os processos..

Documentação
→ tornar objeto de pesquisa ou → incluir no discurso

Como a gente torna o mundo parceiro no fazer?
Como criar junto? que discurso?

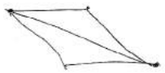
(6) o processo da arte ainda é um mistério?
como faz a passagem entre o mundo?
como torna o processo o discurso que constitui a obra?

NATASKA:

espectador de cinema fora da sala de cinema
[corpo em estado de espectação.] → outra dinâmica

sai da "situação-cinema"

lugar de cinema



não-lugar de cinema

TECNOLOGIAS

"Mas a apropriação que a arte faz do aparato tecnológico que lhe é contemporâneo difere significativamente daquela feita por outros setores da sociedade, como a indústria de bens de consumo. Em geral, aparelhos, instrumentos e máquinas semióticas não são projetados para a produção de arte, pelo menos não no sentido secular desse termo, tal como ele se constitui no mundo moderno a partir mais ou menos do século XV."

MACHADO, Arlindo. Arte e mídia.
Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

"[...] o mundo da tecnologia, não importa em que camada, não passa de um alargamento perfeitamente legítimo dos poderes físicos humanos. Portanto, todas as tecnologias são completamente humanistas, no sentido de pertencerem completamente ao organismo humano. E assim o artista deve dedicar-se atualmente a tarefas que são tão fantasticamente diferentes como as tecnologias que as criaram."

CAMPOS, Augusto de. Poesia, antipoesia, antropofagia & cia. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

Nataska, dispositivos cinematográficos e espectadores de cinema. Lis fala da higienização do cinema desde o nascimento. Deisimer: como que a arte age como modos de operar política? Cinema é política. Pensar no lugar do entre. A rua com o cinema. Cinema com a rua. Espaços de desaparecimento. Espaços de visibilidades. Kaci: espectador emancipado. Poder da mensagem, do filme. O espectador, um tradutor num espaço vinculado ao acontecimento. Tensões que não ficam expostas. Ruy: um outro lugar do espectador, que se livre do direcionar dos olhos, da ideia de como controlar o corpo do outro. Outros modos de engajamento. Solon. Dimensão do espaço que gera outro corpo que está vendo. Que corpo é esse que vai interagir? Pensar a superfície cinema. Thales: ossos como corpo, mais que dispositivo de criação.

Fortaleza, tarde de 01 de setembro de 2016.

***

TEMER JAMAIS